

Breves questões em torno da tradução *Brief questions around translation*

Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann¹

Resumo: Ao se tratar de tradução, no seu sentido mais amplo, estão em jogo dois contextos: o primeiro, ou o originário, e o segundo, resultado da atividade ou da atuação de algo ou alguém sobre este primeiro. Com a absorção de elementos de uma cultura, o que poderia ser tido como a leitura de uma cultura ou de elementos desta, dá-se primeiramente a passagem do absorvido por meio de impressões pessoais e a seguir o momento de transmissão dessa leitura, ou seja, traduz-se. Um dado “novo” passa a fazer parte desse leitor. Mas o leitor, ao traduzir a sua leitura de determinados elementos de uma cultura, acaba por efetuar mudanças em relação ao original. Nesse sentido, pode existir uma tradução? E, além disso, o que é a tradução cultural no processo tradutório?

Palavras-chave: tradução (cultural), cultura, literatura

Abstract: Bei der Übersetzung im weitesten Sinne geht es um zwei Kontexte: den ersten, den ursprünglichen Kontext, und den zweiten, das Ergebnis der Aktivität oder des Handelns von etwas oder jemandem gegenüber dem ersten. Bei der Absorption von Elementen einer Kultur, die man als die Lektüre einer Kultur oder von Elementen dieser Kultur auffassen könnte, gibt es zunächst den Übergang dessen, was durch persönliche Eindrücke absorbiert wird, und dann das Moment der Übertragung dieser Lektüre, also die Übersetzung. Eine "neue" Information wird Teil des Lesers. Aber der Leser, der seine Lektüre bestimmter Elemente einer Kultur übersetzt, nimmt schließlich Änderungen gegenüber dem Original vor. Kann es in diesem Sinne eine Übersetzung geben? Und außerdem, was ist kulturelle Übersetzung im Übersetzungsprozess?

Keywords: (Kultur)Übersetzung, Kultur, Literatur

Introdução²

Ao se tratar de tradução – e aqui de tradução sob um aspecto mais amplo e não simplesmente o de transposição de um texto de um espaço, o que podemos chamar de espaço A para um espaço B – sempre estão em jogo dois contextos: o primeiro, ou o de origem, e o segundo, resultado da atividade ou da atuação de algo ou alguém sobre este primeiro, agregando todos os elementos culturais inerentes ao de origem. Para Gérard Genette, no seu *Palimpsestos. A literatura de segunda mão*, a tradução é a forma mais clara e mais difundida de transposição de um texto de uma língua para

¹ Doutor em Ciências da Literatura pela Freie Universität Berlin. Professor Associado de Literatura e Língua Alemã na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² O presente texto tem por base um artigo publicado em 2013, sob o título “Lê-se o que se quer ler. Questões em torno da tradução cultural”, no livro *Fazeres indisciplinados: estudos de Literatura Comparada*, publicado pela Editora da UFRGS. Ao revisitar o texto, que tem tido considerável procura, pretende-se dar mais uma possibilidade de visibilidade e também atualizar o seu conteúdo e trazê-lo para uma discussão no âmbito dos estudos de Germanística.

outra (GENETTE, 1993, p. 289). Uma vez existindo uma tradução, uma passagem³ de uma realidade para outra, sempre haverá um trânsito deste para aquele, tanto daquele que está inserido no contexto traduzido como por parte daquele que busca a situação traduzida. O termo passagem equivale ao verbo “übersetzen” (colocar sobre, colar sobre). Em consonância com o Alexis Nouss, da Cardiff University, o termo “deslocamento” apresenta uma compreensão mais ampla, observando o movimento de um espaço para outro. Conforme Nouss (NOUSS, 2012, p. 22), “um deslocamento não é uma passagem. Uma passagem se faz de um corpo de um contexto para outro, com todos os riscos de manipulação e de dominação; o deslocamento implica que o corpo carregue com ele o contexto e o faça reencontrar o outro contexto”. Com a tradução de um texto ocorre também o deslocamento de dados e elementos da cultura, do meio, do contexto, enfim, ao qual o texto original pertencia. Neste momento, pode-se falar da existência de um terceiro espaço, de um “espaço-entre”, como afirma Homi Bhabha no seu livro *O local da cultura*, como o título do capítulo XI de seu livro já deixa claro: “Como o novo entra no mundo. O espaço pós-moderno, os tempos pós-coloniais e as provações da tradução cultural” (BHABHA: 1998).

A absorção de elementos de uma cultura, o que poderia ser tido de outra forma como a leitura de uma cultura ou de elementos desta, dá-se primeiramente por relações, ou aproximações pessoais e, a partir do momento em que se busca transmitir parte ou o todo do absorvido, traduz-se. Um dado “novo” passa a fazer parte desse leitor. Mas o leitor, ao traduzir a sua leitura de determinados elementos de uma cultura, acaba naturalmente por efetuar mudanças em relação ao original. Apoiado no texto “Tradução e recepção na prática comparatista”, de Tânia Carvalhal, pode-se dizer que “num sentido lato, o ato de leitura será ainda uma tradução, pois ler é transferir, reconhecendo uma alteridade.” E mais adiante Carvalhal cita uma frase de Salas Subirat, tradutor de Joyce para o espanhol: “Traduzir é a maneira mais atenta de ler” (CARVALHAL, 2003, p. 221). E conforme Bhabha, aqui em diálogo com Walter Benjamin, “o novo da tradução cultural é semelhante ao que Walter Benjamin descreve como a ‘estrangeiridade das línguas’ – aquele problema inato à própria representação” (BHABHA, 1998, p. 311. Grifo do autor). Mais adiante, lê-se ainda que “a tradução cultural dessacraliza as pressuposições transparentes da supremacia cultural e, nesse próprio ato, exige uma especificidade contextual, uma diferenciação histórica *no interior* das posições minoritárias” (BHABHA, 1998, p. 314. Grifo do autor).

³ O termo “passagem” está empregado aqui a partir da definição de Walter Benjamin.

Sempre que se traduz, traduz-se ou busca-se reproduzir algum espaço e um espaço não existe sem o Homem, pois, citando o filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel, “espaços tornam-se espaços plenos por meio dos homens.” Conforme Simmel, existem dois conceitos distintos de espaço: por um lado o espaço físico, mas por outro o “social”, o qual simboliza a proximidade ou a distância emocional em uma relação (SIMMEL apud MÜLLER-FUNK: 2010, p. 33-34)

Pelo fato de sermos seres que se deslocam e se confrontam com dados novos, dados que muitas vezes buscamos com determinação, estamos em constante ato de leitura. Lemos as novidades que estão ao nosso redor e lemos o que nos interessa e aquilo que conseguimos absorver. Para outros, o que nós lemos pode ser algo ininteligível. Lê-se o que se quer ler, lê-se e absorve-se o que é interessante e necessário em determinado contexto.

A tradução cultural

A partir das afirmações acima, podemos concluir que a tradução cultural ocorre em espaços de interesse construídos. A tradução dá-se, portanto, constantemente e em todo local em que ocorre o contato com o novo. Nesse momento, queremos refletir sobre alguns aspectos da tradução cultural.

Dessa forma, dialogando com as reflexões do japonês Shingo Shimada em torno da questão, em texto publicado em língua alemã sob o título “Identitätskonstruktion und Übersetzung” (Construção identitária e tradução), publicado no livro *Identitäten. Erinnerung, Geschichte, Identität* (Identidades. Memória, História, Identidade), pretende-se tratar de dois importantes pontos abordados pelo referido autor. O primeiro: o compreender diferentes culturas; e o segundo: a traduzibilidade de culturas.

Compreender diferentes culturas

Para iniciar a reflexão sobre como se podem compreender diferentes culturas, recue-se um pouco no tempo e volte-se ao século das migrações em massa (por necessidade) dos tempos modernos, ao século XIX. Esse período é marcado pela necessidade que muitos europeus viram de procurar uma nova possibilidade de vida nas Américas. Muitos deles deixaram a Europa e aportaram nos EUA, no Canadá, Brasil e na Austrália, por exemplo. Um novo estava ingressando no novo mundo, parafraseando Bhabha. Mesmo que tivessem se informado antes de sua saída sobre o contexto local, esses aventureiros (geralmente por necessidade) seriam confrontados com uma realidade nova, com dados novos, espaços físicos e sociais totalmente desconhecidos dos

até então conhecidos. Ao chegarem ao novo contexto, eram forçados a compreender, a interpretar, a ler o novo meio. Nesse momento, ocorre uma transferência da bagagem cultural já adquirida de cada indivíduo para o novo local para que, a partir do conhecimento estabelecido, a leitura do novo meio possa ocorrer por meio de uma confrontação, buscando-se semelhanças com o conhecido ou então, por meio de aproximações e distanciamentos com aquilo que se conhece para definir o alheio. Essa codificação do novo, do alheio, ou também do estranho, do outro, dá-se geralmente a partir da necessidade e/ou interesse de cada indivíduo ou grupo. Uma vez absorvido o (des)-conhecido, ele passa a fazer parte do contexto antes alheio.

A partir desse exemplo pode-se pensar nos viajantes-pesquisadores, nos imigrantes, nos aventureiros europeus do século XIX ao se confrontarem com o Brasil. Mas podemos pensar nas mais diversas formas de contato que ocorrem em todos os contextos de encontros. Existem diversos relatos sobre os primeiros contatos e as suas impressões (a natureza, o clima, a arquitetura, a alimentação, etc.). O século XIX marca a segunda grande descoberta⁴ (agora com características mais científicas) do mundo pelos europeus. Cabe salientar que, ao se tratar de viagens de cunho científico, não se pensa nas viagens dos emigrantes, pois estes buscam novas possibilidades de vida em outro contexto. Nesse período, as leituras de literatura de aventuras, de Robinson Crusoe, por exemplo, tornaram-se leitura obrigatória, pois se pretendia conhecer mais e melhor o que estava além do local próximo, buscava-se conhecer mais e melhor o distante.

Um viajante-escritor que passou pelo Brasil e que é praticamente desconhecido dos leitores brasileiros, é Friedrich Gerstäcker⁵. A produção de Gerstäcker sobre o Brasil dá-se a partir da segunda metade do século XIX, quando associa a busca por viagens para a sua produção literária à visita de comunidades de imigrantes alemães, visando futuras novas ondas imigratórias. Contudo, a intenção de Gerstäcker de conhecer o mundo, inspirado nas obras de Cooper, Defoe e Sealsfield, o acompanha desde sua infância, como ele próprio afirma no livro autobiográfico *Kleine Erzählungen und Nachgelassene Schriften*:

O que me levou para esse mundo? – Quero ser sincero, assim foi um velho conhecido de nós todos a me dar o primeiro impulso, e ele não é nada mais que Robinson Crusoe. Nos meus oito anos eu já havia me decidido a procurar da mesma forma uma ilha abandonada (GERSTÄCKER: 1879, 1. Tradução nossa).

⁴ Quando usamos o termo “descoberta”, pensamos no ato de reconhecer outro espaço, outra cultura e não pensamos no ato de apoderamento ou de dominação como foram as descobertas do Novo Mundo pelos europeus a partir do século XVI.

⁵ Friedrich Gerstäcker nasceu no dia 10 de maio de 1816, em Hamburg, e morreu no dia 31 de maio de 1872, em Braunschweig.



No momento em que o viajante, o imigrante, o aventureiro escreve sobre o que viu, ou seja, representa, reproduz o que é a sua leitura do vivenciado, registra-se a tradução da experiência, daquilo que viu para que o mesmo possa ser compreendido pelo leitor distante daquela realidade. Este, por sua vez, realizará novo ato tradutório no momento em que, a partir do seu conhecimento de mundo, recriar a sua representação a partir da leitura dessa tradução. O século XIX registra um alto número de publicações que podem exemplificar o que se apresentou na descrição acima. Muitos pesquisadores, geralmente naturalistas (Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist Ritter von Spix que chegaram ao Brasil na comitiva científica com a futura esposa de Dom Pedro I, Leopoldina, da casa de Habsburg; além deles, cabe mencionar o nome de Alexander von Humboldt, que esteve somente no extremo norte do Brasil) que levavam na sua expedição também desenhistas e pintores (como Johann Moritz Rugendas, entre outros), além de outros especialistas, para que as suas impressões pudessem ser registradas também de outras formas, além da descrição escrita, percorreram o Brasil e com isso apresentaram uma nova “leitura” do país com as suas produções. A exploração⁶, nesses casos, pode ser vista como uma tentativa de se compreender outras culturas, característica marcante no século XIX. O compreender outras culturas, por sinal, pode ser visto como uma característica histórica da cultura europeia, neste caso, mas também algo inerente ao ser humano desde suas buscas por novos espaços, quando essencialmente nômade. Quanto a registros de viajantes brasileiros do século XIX para a Europa – quando o Brasil já era uma nação independente –, não existem. Mas isso se explica pelo fato de o movimento das antigas colônias para a Europa não se dar da mesma forma como as viagens de reconhecimento dos viajantes europeus. As viagens de brasileiros para a Europa eram geralmente viagens de formação, sendo em sua maioria de filhos de empreendedores bem-sucedidos na então colônia portuguesa. No Brasil, aconteceria a descoberta do próprio interior, basta ver os exemplos de Cândido Rondon ou então as aventuras dos Irmãos Vilas-Boas.

É importante chamar atenção, contudo, para o fato de Antônio Gonçalves Dias ter visitado diversas cidades alemãs, francesas e suíças durante os seus estudos (de formação) em Coimbra. Devido ao seu interesse pelo Romantismo alemão, ele visitou diversas cidades, principalmente estâncias termais, mas também procurou referências literárias. Certamente é por esse motivo que há indícios da “existência de traços comuns

com o poema *Mignon*, de Goethe” na obra de Gonçalves Dias (BISPO, 2011). Não se tem registros, no entanto, das viagens de Gonçalves Dias pela Europa que pudessem servir de contraponto ao que se coloca acima, de que viajantes brasileiros percorreram a Europa para depois fazerem seu relato sobre a viagem. Gonçalves Dias, porém, absorveu aspectos da cultura europeia e traduziu. Ele é tradutor do poeta alemão Friedrich Schiller: *A noiva de Messina*.

Em relação à compreensão de culturas e à transmissão de experiências através do ato de traduzir, cabe aqui à discussão a obra de Walter Benjamin, pois para o pensador alemão, segundo Gagnebin, “a busca da verdade é definida, na esteira de Platão, como um processo de rememoração e de consideração meditativa (*Betrachtung*), e não como um processo de aquisição de conhecimento baseado na dedução e na indução” (GAGNEBIN, 1994, p. 15).

A tradução não significa simplesmente criar um conceito que seja a representação de algo para que se estabeleça comunicação, pois “a atividade do conceito tem por tarefa essencial a análise e a dissecação dos fenômenos [...]. A análise conceitual tem [...] um papel de mediação imprescindível que visa um duplo resultado, “salvar os fenômenos e representar [apresentar] as idéias [sic]” (Idem, 1994, p. 15). A tradução (cultural) é estabelecida a partir da necessidade de definição de determinado contexto, quando se constrói um terceiro espaço, diferente do até então conhecido e, retomando o exemplo citado acima, a partir do momento em que este é absorvido pelo elemento novo, pelo viajante, imigrante ou aventureiro. No caso da exemplificação acima, essa conceituação passa a pertencer ao observador, a ser inerente a ele, mas ainda desconhecida do outro, não-conhecedor da mesma. Nessa situação estabelecida, passa a existir um terceiro lugar, um lugar de trans-formação, de re-elaboração desse elemento que transita por um novo contexto, absorve informações do novo contexto, mas é também absorvido pelo meio.

A tradução é, portanto, um ato de leitura, fazendo do leitor um autor de um novo texto – talvez também possa ser chamado de segundo -, o qual por sua vez contribuirá para a manutenção do texto e do contexto original. Dialogando com as reflexões de Walter Benjamin, poderíamos dizer que tradução significa sempre uma contextualização, uma transferência cultural de uma língua para outra, de uma cultura para outra.

Em muitos casos, quando se fala de colonização, ato geralmente semelhante em todas as partes do mundo em que ocorreu uma dominação de uma cultura sobre a

⁶ O conceito de “exploração” é tomado aqui como uma tentativa de busca de conhecimento, de

outra, ocorrem imposições ou transposições culturais ou então cópias de características (geralmente bem-sucedidas) de culturas. Quando falamos de modelos culturais, direcionamos naturalmente o olhar para modelos hegemônicos, basta compararmos, no caso, em contexto universal, a moda, a música, a literatura, a orientação arquitetônica, até mesmo questões políticas e veremos que sempre há cópias, sempre se copia modelos. Trata-se da tradução de um modelo, de uma cultura para outra. No momento em que se copia um modelo cultural, ele também já foi lido e interpretado, mas nem sempre, necessariamente, compreendido. A História nos mostra que há muitos casos de cópia, muitas vezes, totalmente inadequados, podendo gerar atritos e mal-estar social, assim como conflitos.

O fato de se tentar compreender o outro, outra cultura, ser algo tão complexo, arriscando a comparar o caso ao mito de Sísifo, pois a compreensão de uma cultura exige uma constante e atenta observação de idas e vindas. Essa afirmação, num primeiro instante, pode parecer desanimadora – mas não se pretende dar um tom pessimista à afirmação – ela revela o que em praticamente todas as atividades ocorre: um constante rever, reler, revisar, reelaborar. Traduzir é também rever sempre. Citando novamente Benjamin, no seu ensaio “Sobre a Linguagem em geral e sobre a linguagem humana” ele afirma que “a tradução é a passagem de uma língua para a outra por meio de um *continuum* de transformações. A tradução se dá através de *continua* transformação, não de ideias abstratas de identidade e semelhança” (BENJAMIN, 1992, p. 44. Grifos do autor). Lidar com aspectos culturais (ênfase aqui os linguísticos) é estar sempre atento, pois, retomando a ênfase de Simmel, trata-se de um espaço marcado por homens que mudam com o passar do tempo e também em consequência de contatos com o outro e com outros espaços.

Defende-se que a atual realidade midiática permite uma leitura mais acelerada e pontual de eventos distantes espacialmente do contexto de cada um, conduzindo também a uma compreensão dos acontecimentos que escrevem a história. Há, contudo, diversos elementos que levam indivíduos e grupos a se resguardarem frente a uma possível exposição e exploração que os meios midiáticos oferecem, pois muitos não querem ser vistos e outros tantos querem ver e ler somente determinados fatos. No atual cenário de multiplicidade e, para permanecer com um termo benjaminiano, de “reprodutibilidade técnica” que cerca o indivíduo socialmente ativo, é preciso selecionar o que do outro pode e deve ser lido e compreendido. É importante, contudo, ressaltar que, tendo plena consciência das distintas proporções, a história do movimento

reconhecimento de novos espaços até então desconhecidos.

acelerado se repete, veja-se Gutenberg e a imprensa, os adventos do trem, do navio, do telégrafo entre outros que poderiam ser citados. E o que se vive hoje, de certa forma, é algo semelhante ao que a História já registrou, tendo sido intensamente discutido.

A traduzibilidade de culturas

Como se dá a traduzibilidade de culturas? Isso realmente pode ser fixado? Segundo Shimada, existe uma compreensão assimétrica em relação ao conceito de tradução entre o que ele chama de ocidente e oriente. Para ele “enquanto as Ciências Humanas europeias compreendem a tradução como aproximação da realidade do alheio, nas culturas não-europeias a tradução é concebida como um processo fundamental de transformação do próprio” (SHIMADA, 1999, p. 148). É possível traduzir ou podemos dizer que existe apenas uma tentativa de aproximação para uma compreensão? Segundo o linguista Eugene A. Nida, citado por Genette, “tudo o que se pode dizer em uma língua, pode ser tido também em outra língua, a menos que a forma seja um elemento fundamental na transmissão” (GENETTE, 1993, p. 290). A afirmação opõe-se ao que pregam muitos outros teóricos, mas ela também permite interpretações acerca da forma como se pode realizar uma tradução. Genette aproveita-se da afirmação para discorrer sobre as diferenças na tradução de textos literários em prosa e a lírica.

Para Benjamin, “a tradução é uma forma. Concebê-la como tal implica regressar ao original. Porque no original está a lei da sua forma, enquanto contida na sua traduzibilidade” (BENJAMIN, 1992, p. 51). O referido autor cita a passagem acima no ensaio “A Tarefa do Tradutor” (*Die Aufgabe des Übersetzers*)⁷, publicado em 1923, em Heidelberg, na Alemanha, ao escrever o prefácio de sua tradução dos *Quadros Parisienses*, de Baudelaire. Neste ensaio, Walter Benjamin conclui que uma obra de arte ou uma forma de arte ou as reflexões teóricas sobre uma obra de arte independem da relação com um receptor (ideal) e que elas apenas pressupõem a existência e a essência do homem em geral (BENJAMIN, 1992, p. 50-64). Nesse sentido, a obra de arte não visa um receptor e da mesma forma também a tradução não o deve. Obviamente a afirmação de Benjamin, de que tradução não é recepção, levou à ira os teóricos da Estética da Recepção (ver FURLAN, 1997, p. 552).

⁷ Em relação ao título em alemão *Die Aufgabe des Übersetzers*, um dos leitores e estudiosos mais notórios desse texto, Paul de Man, chama a nossa atenção para o fato de que o termo „Aufgabe“ também pode significar „abandono, desistência.“ Nesse sentido, poder-se-ia interpretar.

Nesse momento, é importante citar uma definição de Walter Benjamin sobre a traduzibilidade (de culturas), extraída do ensaio acima citado. Trata-se de uma definição mais extensa, mas que define muito bem o conceito de traduzibilidade, muito caro nas reflexões de Benjamin:

A traduzibilidade é própria da essência de certas obras — isto não significa que a sua tradução seja essencial para ela própria, mas significa que uma determinada significação, que habita no original⁸, se exterioriza na sua traduzibilidade. É evidente que uma tradução, por melhor que seja, jamais pode significar algo para o original. E, no entanto, devido à traduzibilidade do original, a tradução está na conexão mais imediata com o original. Esta conexão é mesmo tanto mais íntima quanto mais se acentuar o facto de ela já nada significar para o original. Ela deve designar-se de natural e até, com maior precisão, ela é uma conexão de vida. Do mesmo modo que as exteriorizações da vida se mantêm numa conexão íntima com o ser vivo sem nada significarem para ele, assim a tradução é produzida a partir do original. Mais propriamente falando, não tanto a partir da sua vida como da sua sobrevivência. Se, no entanto, a tradução é posterior ao original e assinala, no caso das obras importantes, o estado da sua persistência vital, os seus tradutores eleitos não se encontram nunca na época do seu nascimento (BENJAMIN, 1992, p. 51-52).

Em relação à traduzibilidade de um texto é interessante observar também o que Alexis Nouss, afirma no seu texto “A tradução: no limiar”, ao trazer à discussão sobre tradução elementos que geralmente se localizam às margens do ato tradutório, levando a uma relação com o texto de Benjamin, quando trata do original e do texto traduzido. Nouss afirma:

Com efeito, o pensamento do limiar é central para compreender o da tradução, e vice-versa, pois, contrariamente à concepção reinante, a tradução não é apenas passagem [n. t. discordando de Benjamin], ela tanto oferece a experiência do limiar como nos permite interpretá-lo de outra forma. Dizer que a tradução está no limiar significa dizer que o traduzir atrai sobre seu gesto toda a ambiguidade da margem, a indecidibilidade que ela introduz entre o fora e o dentro e, aqui, entre o texto original e o texto traduzido (NOUSS, 2012, p. 19).

Conclusão

Apoiado nas palavras de Alexis Nouss, acredita-se que o tradutor deve conhecer a “embriaguez similar de uma multiplicidade de escolhas tradutórias possíveis diante do texto original, o que não lhe será sem conseqüências [sic]” (NOUSS, 2012, p.

⁸ De acordo com Jeanne Marie Gagnebin, há três aspectos fundamentais que embasam o conceito de origem em Benjamin: 1) a oposição entre 'origem e 'gênese'; 2) definição de origem como restauração inacabada e aberta; 3) a ligação entre 'origem' e 'destruição'. Ver em GAGNEBIN, Jeanne Marie o capítulo “Origem, Original, Tradução” em História da narração em Walter Benjamin, p. 9-35. A citação é

20) e, confrontado, dessa forma com a estranheza do original, ele deve encontrar um espaço em que não sucumbirá à alteridade, cuidando também para não lhe impor o cabresto de suas idiossincrasias linguísticas e culturais. É preciso poder transitar pelas margens culturais dos textos, do novo a ser elaborado e do original, que “origina” o novo, pois não se pode falar somente de uma transposição de um para outro.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *Sprache und Geschichte. Philosophische Essays*. Stuttgart: Philipp Reclam jun. 1992.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Avila. Belo Horizonte, EDUFMG, 1998.

BISPO, A. A. "Antonio Gonçalves Dias (1823-1864) - tradutor de F. Schiller. Indianismo brasileiro e cultura alemã da Europa Central". In: *Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira* 133/11 (2011:5). [online] Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/133/Goncalves-Dias-na-Europa-Central.html>. Arquivo acessado em 06 de dezembro de 2012.

CARVALHAL, Tânia. *O próprio e o alheio. Ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

FURLAN, Mauri. "Linguagem e tradução em Walter Benjamin". 1997. In: *Anais do XI Encontro Nacional da Anpoll*, João Pessoa, PB, 1996. (p. 551-556)

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

GENNETE, Gérard. *Palimpseste. Die Literatur auf zweiter Stufe*. Frankfurt Main: Suhrkamp, 1993.

GERSTÄCKER, F. *Kleine Erzählungen und Nachgelassene Schriften*. Jena: Costenoble, Bd. 1, 1879.

MÜLLER-FUNK, Wolfgang. Benjamin und der *translational turn*. Thesen und Anmerkungen. In: HANENBERG, Peter et alii (Org.). *Rhemenwechsel. Kulturwissenschaften*. Würzburg: Königsberg & Neumann, 2010.

NOUSS, Alexis. A tradução: no limiar. In: *ALEA*. Rio de Janeiro. vol. 14/1, p. 13-34, jan-jun 2012.

SCHILLER, Friedrich von. *A noiva de Messina, ou, os irmãos inimigos: tragédia em coros*. Trad. Antônio Gonçalves Dias. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SHIMADA, Shingo. Identitätskonstruktion und Übersetzung. In: ASSMANN, Aleida; FRIESE, Heidrun. *Identitäten. Erinnerung, Geschichte, Identität* 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999 (Suhrkamp-Taschenbuch Wissenschaft; 1404).

extraída da tradução Maria Filomena Molder de Walter Benjamin, "A Tarefa do Tradutor" (Die Aufgabe des Übersetzers, *Gesammelte Schriften*, IV.1, pp. 9 -21).